# É o tempo o novo inimigo organizacional?

**por Maria Ester de Freitas**

**Após naturalizada a idéia de que o espaço, em suas várias formas, foi vencido, ouvimos hoje um discurso recorrente que tenta colocar o tempo como o novo limitante da vida organizacional. Essa idéia, que tem força de verdade, procura eleger o sempre novo e a ação, sempre mais rápida, como o grande valor atual. O tempo é o inimigo que precisa ser domado e vencido, é o resultado desta luta que celebrará os ganhadores e penalizará os perdedores. De onde vêem estas idéias que aplaudem a sociedade apressada, as organizações permanentemente rejuvenescidas e as pessoas sempre ansiosas pelas novidades e os resultados instantâneos? São esses objetivos convenientes a algum ator social específico? Matar o tempo é romper com o passado e a memória? Viver sem a noção de tempo e com o sempre novo, nos faz, enfim, imortais? São estas as idéias discutidas no presente ensaio, que se beneficia da História, das Ciências Sociais e Humanas, da Filosofia, da Economia e dos Estudos Organizacionais.**

***Palavras-chave:*** *Tempo Organizacional, Controle do Tempo, Imaginário Organizacional, Empresas Globais*

Tudo o que é criado pelo homem, individual ou coletivamente, é produto de seus sonhos, suas paixões, seus medos, suas necessidades, suas crenças, seus delírios e sua capacidade de conceber e agir.

Dizia Marx que o homem cria as suas catedrais e dá a elas os seus significados. Isto quer dizer que toda criação humana é um atestado dessa humanidade e expressada nos códigos que são passíveis de serem compreendidos numa determinada época, pois, por si só, coisa alguma é relevante senão quando atribuímos a ela valor e significação. Não existe homem fora do mundo social, nem das instituições nele inseridas. A vida social só faz sentido quando compreendida a partir de uma lógica histórica, social e culturalmente constituída e não a partir de uma lógica centrada em fatores externos a um espaço e um tempo determinados. Toda sociedade desenvolve os seus males sociais, bem como os germes de sua cura. Não existe sociedade nem homem acabados; eles são um se fazendo e refazendo sempre, um gerúndio, um contínuo embate entre as forças que neles estão presentes. É preciso, pois, devolver para o contexto social, o produto das ações dessa sociedade para analisá-las e entender alguns de seus significados.

O homem social é movido pelos seus desejos e necessidades, para além de ser um caçador e criador das suas satisfações. Ele não apenas dá novas respostas às velhas situações, mas também cria novas respostas para novas situações. Ações, e mesmo resultados indesejados posteriormente, podem fazer sentido e serem expressos numa linguagem compreensível a todos que fazem parte daquela formação histórica, social e cultural. O homem é produto e produtor do seu tempo e do imaginário que sustenta e estrutura as suas representações, atribui finalidades e significados às suas ações e aos afetos a elas ligadas. Ele é, ao mesmo tempo, o sujeito do seu destino individual e parte de um sujeito coletivo, com o qual compartilha significações

**Maria Ester de Freitas**
Professora Doutora e Pesquisadora da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getulio Vargas, São Paulo, Brasil.
E-mail: mfreitas@fgvsp.br

**Nota**
Parte das idéias apresentadas nesta tribuna foram discutidas na *Standing Conference on Organizational Symbolism* (SCOS, Budapeste, Julho de 2002). O *paper* original era mais amplo e os anais foram publicados em CD-Rom.

*Recebido em Janeiro de 2003 e aceite em Abril de 2003.*

**As sociedades ocidentais atuais estão buscando naturalizar um tipo de mensagem que valida a eleição do tempo como inimigo a ser vencido, domado, após ter naturalizado a idéia de destruição de várias noções do espaço: geográfico, físico, nacional, do trabalho e do privado.**

racionais, emocionais, simbólicas e mesmo inconscientes. Esse homem não pode ser considerado fora do mundo no qual ele vive e se expressa (Castoriadis, 1975; Enriquez, 1984; Freitas, 1999).

As idéias surgidas numa determinada época são testemunhos dessa época e devem ser lidas no contexto em que foram geradas. O imaginário de uma sociedade fala dessa sociedade, do que ela procura e esconde, do que ela deseja e tem medo, do que ela sonha e se apavora, do que ela afirma e nega, do que ama e detesta, do que ela pensa de si e dos outros, de como ela pensa o mundo e a visão que ela tem de si nesse mundo. Para Castoriadis (1975), o imaginário é o elemento fundador de qualquer sociedade, pois primeiro se pensou como algo, se desejou como algo e se diferenciou como algo, construindo as instituições que lhe dão corpo e suporte num espaço e tempo históricos.

Temos ouvido um discurso, que está se tornando recorrente, de que o espaço já foi conquistado, que as barreiras geográficas já foram derrubadas, que o mundo está se transformando numa grande e única cidade, que a tecnologia atual permite ao homem acesso a todos os recônditos do planeta, e que o novo desafio é a colonização do tempo.

É um dado significativo que as sociedades ocidentais atuais estejam buscando naturalizar este tipo de mensagem, que valida a eleição do tempo como inimigo a ser vencido, domado, após ter naturalizado a idéia de destruição de várias noções do espaço: geográfico, físico, nacional, do trabalho e do privado. Dizemos agora que habitamos um mundo sem fronteiras, essas aparecem apenas como restrições e nunca como segurança. Espaço dominado, agora é o tempo que impõe restrições, que condiciona o homem a uma existência limitada e precária.

O tempo é uma variável controlável, um recurso escasso e esgotável ou é qualquer outra coisa? Que sociedade estamos forjando e por que estamos reproduzindo a idéia de que temos que buscar cada vez mais uma velocidade sempre mais acelerada, pois o tempo é o diferencial? De onde vêm essas idéias que exaltam o agir no menor tempo possível, essa febre diária que nos empurra para produzir o sempre novo? Que tipo de cultura é essa que concede autonomia às suas produções técnicas e que lhes outorga uma inteira neutralidade? Que tipo de homem esta cultura está gestando e quais os atributos valorizados? Existem atores sociais específicos patrocinando o desenvolvimento desse ideário? Porquê? A que serve tudo isso? Somos mesmo uma sociedade fruto de ruptura com o passado? Tudo isso é apenas um discurso ideológico conveniente de alguns atores sociais privilegiados ou responde a necessidades e desejos humanos mais profundos?

É objetivo deste ensaio discutir essas questões tendo como fio condutor o desenho de um imaginário situado historicamente nas últimas décadas do século passado, e que vem sendo cada vez mais divulgado, através de mensagens com força de verdade, pelas organizações, em particular pelas empresas globalizadas. Seguros nesse fio, percorreremos um caminho que passa pela busca de apontar algumas das mensagens que sinalizam o tempo como inimigo e quais são os afetos associados a esta luta contra ele. Em seguida, procuraremos localizar de onde vem esta noção de *sociedade apressada*, analisando as suas raízes mais recentes. Exploraremos, por fim, algumas possibilidades de significações imaginárias ali subjacentes.

Esperamos poder contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno organizacional moderno e para um maior questionamento sobre as finalidades das nossas produções, incluindo aí as idéias que construímos como pilares do nosso ser e agir sociais. O desenvolvimento desse ensaio se beneficia da interdisciplinaridade e reconhece o seu débito para com as Ciências Humanas e Sociais, a História, a Filosofia, os Estudos Organizacionais e a Economia.

## Os contornos do tempo como inimigo

O conjunto de sete livros que formam a obra de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*, não é emblemático de nossos dias, muito embora a idéia de que o tempo possa ser perdido, nos seja muitíssimo cara atualmente. No nosso mundo de hoje temos mais a impressão de que o autor-nar-

rador perdeu duplamente seu tempo, pois foi praticar uma arqueologia de seus sentimentos e lembranças, num estilo que emprega longas frases, quando ele bem poderia tê-lo empregado para viver o seu presente. O pensar o passado e interrogar-se sobre ele parece ser hoje considerado uma atividade vazia, pois contraria o viver aqui e agora, nossa obsessão mais forte.

A ficção literária, tal qual a científica, só é possível como um pensamento da época em que se desenrola, que permite criar personagens e situações que, mesmo localizadas num passado ou futuro incertos, e às vezes improvável, só é inteligível no contexto daquela época. Ou seja, ainda que a estória se passe num futuro longínquo, ela foi possível de ser pensada pelo autor a partir do que existia como possibilidades de serem pensadas pela imaginação do seu tempo. Existem obras que parecem ultrapassar os tempos, tornam-se clássicas, revelam retratos da natureza e condição humana, porém, ainda assim, revelam também o tempo do autor. Poderiam Shakespeare ou Cervantes ter escrito em outros tempos? Poderiam Kafka ter escrito *O Processo* depois de 1920, Huxley ter escrito *O Admirável Mundo Novo* no Século XIX, e Orwell escrito *1984* em 1200? Existiria um único livro que poderia representar o Século XX? O que terá inspirado Kafka, Huxley e Orwell a escreverem o que escreveram? Foram os seus medos e suas esperanças? Foram eles videntes ou delirantes? Existiria no ar algo que lhes possibilitou pensar o que pensaram?

Parece-nos que a expressão «time is money» tem a cara dos nossos tempos. Curioso é que, se a fonte estiver correta, ela é de autoria de Benjamin Franklin e data de 1748 (Gleick, 2001, p. 291). No entanto, foi o Século XX que descobriu a medida do tempo e o argumento de Franklin de «quem não está ganhando está perdendo» faz hoje, certamente, muito sucesso entre os mega-investidores mundiais, apenas para assinalarmos um dos mais fortes interessados. Durante maior parte da história humana, o tempo era fixado por referências astronômicas. A rotação da terra, as estrelas e o freio representado pelas marés oceânicas já não têm mais importância. Os relógios atômicos têm condições de corrigir mesmo pequenas anomalias representadas pelo atraso de quadrilionésimos de segundos na rotação da terra, ou seja, a nossa tecnologia corrige as anomalias naturais e, com hiper-precisão, devolve ao homem algumas ínfimas frações de segundos ao final de sei lá quantos anos ou décadas (Donato, 1993; Duncan, 1999). Quanto mais «tempo é dinheiro», mais esta devolução é importante, pois se o dinheiro é o instrumento visível das transações comerciais, o tempo é o seu duplo (Gleick, 2001). Tempo agora é medido e pesado, pode ser perdido, estocado, ganho, trocado, segundo os ditames da economia moderna que não pode dispensar estes cálculos. Está inaugurado o tempo utilitário, que, para ser bem aproveitado, vai ter que desenvolver um intelecto humano também utilitário (Diel, 1991).

**Memória e História estão aí para conter e contar apenas os dados mais recentes, numa circulação horizontal e de consumo imediato, pois todos precisamos ser breves. Assim, inauguramos a memória de curto prazo.**

Se, como quer a Economia, o tempo é um recurso e, por natureza, os recursos são esgotáveis, então a melhor forma de explorar este recurso é ampliando a sua utilização. Como? Via aumento de velocidade ou, de maneira mais sofisticada, acelerando o seu "uso". Ora, como não podemos ainda modificar a convenção de 60 minutos por hora, podemos fazer mais coisas em uma hora se aumentarmos a velocidade com que fazemos essas coisas e, assim, podemos contrair o tempo total utilizado nessas tarefas. Não podemos mais perder um minuto, em alguns casos a perda de um segundo é considerada fatal. Em contrapartida, aumentamos a abundância produzindo sempre o novo, o mais recente, o último modelo ou última versão de qualquer coisa. Assim, temos cada vez mais uma quantidade sempre crescente de opções, de escolhas, seja lá do que for, mas sempre com o intuito de reduzir a possibilidade de perda de tempo ou a de ganhar tempo, o que dá no mesmo como critério de decisão. Passamos a viver apenas no presente, pois temos que agir rápido sob risco de sermos superados por quem estiver ao nosso lado e, principalmente, porque novas informações já surgiram enquanto nos dávamos ao luxo de dormir. Todos, especialmente os nossos fornecedores de novidades, são concorrentes e cúmplices nessa luta contra o tempo. Como estamos atualizando tudo todo o tempo,

rejuvenescendo permanentemente os nossos arquivos e pensamentos, inauguramos o presente eterno! Memória e História estão aí para conter e contar apenas os dados mais recentes, numa circulação horizontal e de consumo imediato, pois todos precisamos ser breves. Assim, inauguramos a memória de curto prazo.

Os nossos hábitos e necessidades mortais como andar, comer, tirar férias, dormir, ganham outras utilidades além das que denominam literalmente. Andar é fazer exercício para cuidar do corpo e manter-se em forma. Comer é um ritual que pode ser aproveitado para se estar com os clientes a partir das sete da manhã. Tirar férias é um desperdício caso nos entreguemos apenas aos braços do ócio, mas aí podemos capitalizar em cima do nosso bronzeado para dizermos aos nossos colegas, concorrentes e clientes que somos alguém que administra bem o seu tempo, que se é uma pessoa equilibrada na conjugação da vida privada e profissional, ganhando mais credibilidade nos mostrando como seres adaptáveis e "desestressados". Podemos aprender japonês, chinês ou qualquer outro idioma enquanto dormimos e, então, damos a este "tempo morto e imprestável" uma utilidade produtiva. Demos um acabamento perfeito ao homem-múltiplo, capaz de múltiplas tarefas simultâneas num ritmo cada vez mais voraz.

No nosso mundo privado, são as nossas cozinhas o exemplo mais completo que alia beleza e praticidade. O McDonald's compreendeu bem a nossa impaciência. Mais curiosa é ainda a estória de um restaurante japonês, aberto recentemente e fazendo um enorme sucesso em Tóquio, onde se pode comer tudo o que se quiser por 35 ienes/minuto (Gleick, 2001). Inauguramos o *fast* tudo: *food, life, news, books, leisure, language, sex...* e, até o *fast crime*!

As nossas viagens de lazer convencionais, que também podem ser feitas cada vez mais rapidamente, devem ser produtivas e, o tempo, muito bem aproveitado para ser considerado ganho. Fazemos uma lista de lugares, monumentos e espaços dignos de serem visitados para cumprirmos a meta diária. Ficamos infelizes se o museu estava fechado naquele dia e isto nos impediu de realizarmos a programação, fazendo com que perdêssemos tempo. O turismo, como diz Morin, é hoje menos descobrir o outro que consumi-lo, para satisfazer uma bulimia que nos empurra a tragar a novidade sem nenhum prazer genuíno associado. Se for mesmo o caso de economia de tempo em todos os sentidos, viajamos virtualmente.

De onde vem este tempo que perdemos? Se o tivéssemos ganho, o teríamos ganho em relação a quê? Qual é o tempo que podemos nos dar ao luxo de perder, se é que ele existe? O que tem de novo nisso, desde que o nosso antepassado das cavernas inventou seus primeiros utensílios e ferramentas para brincar, enfeitar-se ou guerrear? Questões difíceis de serem respondidas e mais ainda de serem concludentes. Pensamos, porém, que se existem respostas ainda que especulativas, talvez algumas delas apontem para o fato de que novo, novo mesmo, é considerar o agir como um valor supremo, esse elogio da ação que gera essa euforia da velocidade infinita e faz com que gostemos de ser ou parecermos ocupados, apressados, seres racionais usando o máximo de sua potência. As coisas materiais em si não são importantes, podemos construir tudo o que quisermos com o que dispomos na época. A tecnologia é criação humana e não obra de extra-terrenos, ainda que eles possam nos jogar uns pedaços de meteoritos ou devolver, de vez em quando, o lixo que estamos espalhando nos seus quintais e jardins. O que de fato é importante é a significação que damos a essas coisas criadas, são os novos valores que a elas atribuímos, são os nossos comportamentos que se modificam a partir e com os seus usos, é o novo mundo que recriamos fora de nós e em nós mesmos. Corremos por que queremos ou somos empurrados por uma pressão social e uma lógica, que também são produzidas pelos nossos gestos, ações, decisões, atitudes e sentidos?

Os seres lentos não têm boa reputação, são considerados desajeitados, mesmo se eles executam gestos diferentes, são acusados de não se esforçarem o bastante para acompanhar o ritmo, diz Sansot (1998). Queremos exterminar as pessoas que estão na nossa frente, que não sabem usar direito e rapidamente o caixa eletrônico e assim nos fazem perder tempo. A aprendizagem, atributo da espécie humana ainda não negado, deve ser efervescente, eufórica, excitante, reciclável, nova, atual e útil objetivamente. Nunca inteligência foi tão associada à velocidade! O repouso do corpo era menos um tempo dedicado a se refazer da fadi-

ga, que um tempo que o homem se concedia para respirar livremente, para se colocar à vontade consigo mesmo. Ou, como diz poeticamente Sansot, a vida constitui uma chance que não nos é dada pela segunda vez. Os que se contentam com o prazer de existir, que se interrogam num face-a-face corajoso consigo mesmo, que alternam os ritmos no seu cotidiano, que exibem um sentimento de estar à vontade nesse mundo, como se fosse legítimo usufruí-lo... esses seres incomodam e são estigmatizados. O nosso espírito trabalha incessantemente e isso não constitui nenhuma virtude; somos desenhados assim. A questão é que não é todo o trabalho do nosso espírito que faz ganhar tempo!

Somos, individual ou coletivamente, os autores desta lei que decreta o agir rápido como uma virtude, como se em não agir o indivíduo se extenuasse e desaparecesse, como se o obrigatório fosse considerar a vida como um avião enlouquecido e no qual apenas o se deslocar cada vez mais acelerado é o que importa, independente do destino para onde ele vai. Só podemos declarar morte ao tempo se o tornarmos visível, quantitativo nas minúcias de suas entranhas, pisável e lavável como um capacho, armazenável num cofre fechado e que depois poderemos transacionar com ele. E depois do tempo, o que inventaremos para sossegar esta sede de domínio e busca de felicidade? Estamos mesmo mais felizes como Hermes com asas nos pés, ou não temos mais tempo de nos perguntarmos se esta resposta nos interessa? Nós criamos a História e nem sempre sabemos que História estamos construindo ou se podemos fazer histórias diferentes que não comportem apenas o inevitável e inexorável fracasso do homem diante as coisas que cria. Nos deixamos prender nas armadilhas que construímos para nós mesmos, fingindo que não temos outras escolhas dentre as milhares de escolhas num cardápio amplo. Mas, refletir toma tempo! Nem sequer nos damos conta que estamos aplaudindo a diversidade na uniformidade, pois precisamos ser breves. E, pela brevidade, pelo imediato, pelo curto-prazo, pelo presente sem passado e sem futuro, pagamos os preços nesta nossa única chance, sem ensaios e sem repetição, mas na qual mergulhamos na vertigem de não sabermos mais se, essencial e acessório, são apenas palavras de um dicionário antigo. Inauguramos o império da urgência!

## Afetos associados à luta contra o tempo

Os nossos sonhos não são apenas imagens fantasmagóricas que nos aparecem quando damos uma trégua para o nosso racional vigilante. Eles têm suas raízes nos nossos desejos e, se surgem numa linguagem confusa, atropelada e sem ordem, é porque não pedem permissão e nem obedecem a qualquer disciplina, simplesmente emergem das profundezas do nosso ser e reclamam seu espaço na nossa vida cotidiana. Sonhar não é atividade inútil, mas parte essencial e condição para o nosso equilíbrio. Acordados ou dormindo, os nossos sonhos nos prometem possibilidades e, se às vezes deles rimos, é apenas para dizer a nós mesmos que afinal a nossa mente e nosso coração são livres, segredo que compartilhamos somente com quem amamos.

Os homens sonham individual e coletivamente; desejam e amam seus desejos como também farejam seus medos em relação ao que podem vir a ser. Os antigos criaram deuses, totens, imagens para adorar e ajudá-los a mediar as suas relações consigo, o seu meio, os seus irmãos e os estrangeiros. Seus sonhos eram mágicas presenteadas pelos deuses para acalmar seus medos, alimentar as suas esperanças, embalar seus desejos, instilar a humildade, colocar ordem num mundo caótico, hostil e incompreensível, sinalizar os caminhos que lhes permitiam transitar com maior segurança, com alegria e festas e afastar os fantasmas feitos medos, inclusive o de morrer ou de ficar sozinho. A escuridão não é apenas a falta de luz, é também a impossibilidade de enxergarmos e, se não enxergamos, o que nos resta é o desconhecido, que pode nos fascinar mas que também nos apavora.

O que dá sentido ao conceito de identidade é o sentimento de identidade que o sujeito experimenta. O que dá sentido ao tempo é o sentimento de vida que o sujeito experimenta nesse tempo em que vive. O homem não pensa a sua vida e o seu tempo como separados, mas pensa sentindo ambos como um só. A consciência temporal da nossa vida nos faz depositários de um passado, um presente e uma expectativa de futuro, sem os quais não nos referenciamos mesmo se considerarmos a parte inconsciente e indecifrável do código que carregamos em nós. É porque somos, todos os dias quando acordamos, os guardiões dessa história única que ousamos assumir nosso papel nesse mundo, que

está sempre se fazendo na nossa ação e no investimento amoroso que cintila nas nossas criações. O Homem é um ser desejoso e por isso sonha!

O imaginário é o lugar do desejo, do sonho, do projeto a construir. Não existe Homem social nem individual sem imaginário, mas não podemos fazer uma derivação exaustiva do social somente a partir das psiques individuais. O ser individual que vive só não tem necessidade de se representar para si mesmo. Mas o Homem não vive só, ele é como Narciso, que não pode prescindir dos olhares alheios. Então tomamos consciência de mais um complicador: não somos exclusivamente os donos dos aplausos que queremos merecer ou das vaias que queremos evitar. Os sentimentos que nos despertam os aplausos e as vaias nos obrigam a acertar alguns de nossos passos com os demais para sermos julgados pelo mesmo princípio e critérios. Esse julgamento vai se revelar nossa companhia perene, pois até o nosso auto-julgamento é fruto do que percebemos como julgamento alheio, ainda que não seja deste um mero decalque.

Vivemos uma época que produz um imaginário centrado em valores econômicos principalmente. Estamos recortando o mundo, a nossa história e o que fazemos impelidos por um desejo de abarcarmos estes valores. Que no imaginário cabe o racional e as condições materiais de sobrevivência não é nenhuma novidade. Que estes valores estejam invadindo todas as esferas do humano, sim, aí reside uma novidade. A luta que estamos empreendendo contra o tempo parece conduzir ao despedaçamento que pretensamente quer evitar. Colocando essa luta como a grande salvadora das nossas mazelas humanas, parece que despencamos desfiladeiro abaixo em uma velocidade incontrolável.

Quais os parâmetros que estamos usando para avaliar se a batalha está sendo bem conduzida? A produção rápida e incessante de coisas e idéias! O nosso espelho é o computador, ágil e flexível. A produção, a circulação e atualização de novos conhecimentos e idéias são possíveis hoje numa velocidade exponencial. Se quisermos vencer a guerra contra o tempo é, pois, necessário que, nós humanos, sejamos tão bons ou melhores que a máquina maravilhosa e surpreendente que criamos, sob pena de sermos o seu mero acessório, o assistente-subordinado ou, ainda, um corredor incansável que tenta segurar algo que está sempre lhe fugindo. Atribuímos ao Homem e à máquina a mesma natureza para podermos comparar e insuflar a necessidade de uma corrida mais veloz. «No meio de todas as máquinas, que têm por função acelerar as coisas, nós duvidamos de nós mesmos. Nós nos comparamos às máquinas e temos medo de não acompanhá-las. As máquinas vão mais rápido que nós. Os pobres humanos estão fatalmente distanciados. Mas não! Nós podemos seguir-lhes o ritmo. São máquinas, não são concorrentes. Aproveitemos para nos lembrar, que apesar de sua velocidade assustadora, somos obrigados a ligar o computador.» (Gleick, 2001, pp. 151-152).

A comparação corrente do Homem com o computador parece soar como um elogio ao Homem! Estamos tentando operar um transplante múltiplo para corrigir os erros genéticos: chip no lugar do cérebro, um cofre abarrotado de dinheiro no lugar do coração e as veias irrigadas por promessas de sucesso e o prazer do sempre novo. Isto denota um outro grau de aprofundamento do imaginário, diz Castoriadis (1982, p. 189) a respeito da organização racional moderna: «Tratar um Homem como coisa ou como puro sistema mecânico não é menos, mas *mais* imaginário do que pretender ver nele uma coruja, isso representa um outro grau de aprofundamento no imaginário; pois não somente o parentesco real do Homem com uma coruja é incomparavelmente maior do que o é com uma máquina, mas também nenhuma sociedade primitiva jamais aplicou tão radicalmente as conseqüências de suas assimilações dos homens a outra coisa, como o faz a indústria moderna com sua metáfora do Homem-autômato. As sociedades arcaicas parecem sempre conservar uma certa duplicidade nessas assimilações; mas a sociedade moderna toma-as, na sua prática, ao pé da letra da maneira mais selvagem (....) vemos em ação esta forma particular do imaginário que é a identificação do sujeito como objeto.» O autor escreveu estas linhas em 1975, quando os computadores não eram mais que máquinas enormes, debutantes esquisitas e desajeitadas, em algumas poucas grandes organizações e que apenas algumas dúzias de iluminados pareciam capazes de lhes arrancar as palavras. O pensamento de Castoriadis continua válido para os nossos dias, com a agravante de uma expansão sem precedentes desta com-

paração macabra do Homem com a máquina libertadora, mesmo que, na essência, este mesmo Homem, seja sempre mais coruja!

Mas essa associação não é feita impunemente e aqui falam os afetos, esses processos psíquicos que dão vida sensível ao Homem desejoso e falam de suas emoções, paixões e medos, de suas satisfações, insatisfações, angústias e prazeres. Esses processos se revelam no cotidiano, nas trilhas que mapeamos todos os dias, no rasto que deixamos atrás de nós na nossa corrida insana e teleguiada, no desassossego de noites insones, na impaciência que não suporta o silêncio e um pouco de quietude, na dor da nossa ausência de nós mesmos, no medo de sermos abandonados, na tristeza do nosso sucesso efêmero, na máscara que pregamos todos os dias no rosto, com um sorriso de plástico para avisar ao mundo que estamos na luta. Esses processos também se revelam no sentimento de grandiosidade e onipotência quando superamos um record recém-ultrapassado pelo vizinho, quando podemos dizer que aumentamos progressivamente o nosso saber naquele dia, quando o cansaço físico e mental não têm força para nos ditar regras, quando todo dia sentimo-nos poderosos porque somos o mais rápido, o mais dinâmico, o mais aplaudido, o colecionador de maiores sucessos e quando orgulhosamente dizemos que somos pessoas ocupadas e, por isso, importantes ou, melhor, imprescindíveis.

O norte-americano James Gleick escreveu o livro *Faster* em 1999 e tem tido um sucesso estrondoso por onde passa. Em 2001 ele recebeu a tradução francesa, intitulada *Toujours plus vite - De l'accélération de tout ou presque*, com a qual estamos trabalhando. O livro é uma violenta avalanche de informações sobre o pensar e o agir do homem, nessas últimas décadas, sobre a sua relação com o tempo. É um balanço corajoso e instigante. Gleick, citando uma frase de Kundera, diz: «A velocidade é a forma de êxtase que a revolução técnica fez presente ao Homem». Considerando que foi o Homem quem fez a revolução técnica, deu também a si o presente, êxtase, aí entendido como forma de liberdade e de escravidão. O autor também vê na abundância o sinônimo da velocidade. São escolhas em demasia, e como temos sempre muito a escolher, não temos tempo para tudo que queremos e, portanto, estamos sempre correndo atrás de tudo, acelerando constantemente o passo, a busca, o atalho. Mas também a velocidade foi uma escolha nossa e continuamos a confirmá-la, pois a nossa capacidade de trabalhar e de jogar mais rápido nos dá a sensação de poder. Adrenalina é o único hormônio que conhecemos bem o nome, lembra-nos.

A capacidade de ser apressado também passa a ser um diferenciador dos homens. O autor também nos fala dos indivíduos do tipo A, que apresentam uma impaciência exagerada, um excessivo espírito de competição, um obsessivo senso de urgência. Eles gastam uma enorme energia psíquica a lutar contra as restrições normais do tempo, especialmente em relação a pessoas que falam lentamente, que não vão direto ao ponto, não suportam filas e nem atrasos. Executivos de grandes empresas, diz o estudo, são exemplares desse comportamento: ar agitado, serram os dentes, apertam dez vezes o botão do elevador, cortam a palavra dos outros para concluir o raciocínio, sentem-se culpados por descansar cinco minutos, lêem vendo televisão e comendo, se barbeiam dirigindo, enfim, buscam executar várias coisas ao mesmo tempo para não perder tempo. Gostamos da velocidade e, por isso, buscamos sempre novos aceleradores, sejam ferramentas e máquinas, sejam utensílios usados no cotidiano, sejam drogas, como as anfetaminas, que aceleram o nosso sistema nervoso e elevam os nossos batimentos cardíacos.

Também reclamamos da super abundância de informações, mas ela nos agrada e, prova disso, é que não desligamos os nossos computadores, não deixamos de responder aos e-mails, pelo contrário, estamos sempre comprando os modelos mais rápidos e os mais potentes sob todos os pontos de vista, também escolhemos os de tamanhos menores para levá-los para onde quisermos. Desenvolvemos também o gosto pelas pequenas frases e citações rápidas e chocantes, temos pavor de ouvir uma análise quando nos contentamos com uma síntese de apenas três palavras.

Mas, reconhece Gleick, o dia ainda só tem 1440 minutos. O ritmo dos relógios substitui os ritmos naturais do dia-a-dia e isso não se faz sem prejuízos, sendo a luta para reduzir o tempo dedicado ao sono um deles. De tanto se tentar reduzir o tempo do sono, têm-se hoje um número infindável de

insones crônicos e outros males derivados. O custo global dessa insônia, que aumenta ainda mais durante o hiper-artificial horário de Verão, é responsável pela redução da atenção no trabalho, na redução de reflexos nos centros de controle de tráfego aéreo, na elevação de acidentes de automóveis e no aumento de mortes de todos os tipos. Remédios de todas as cores são usados por um contingente cada vez maior de pessoas para dormir ou ficar acordados, o que também vai interferir na qualidade de seus relacionamentos no trabalho, na casa, na rua. Daí toma-se mais remédios e outras drogas para reduzir a angústia e a depressão resultantes. Ainda assim, nos orgulhamos da nossa falta de tempo, pois ela nos dá prestígio, um certo *status* por encarnarmos essa espécie de virtude moderna. Porém, adverte o autor: cada vez mais estudos mostram que é difícil fazer funcionar muitas pistas do cérebro ao mesmo tempo. Bom, mas quantas são essas muitas? Para muitos indivíduos, a saturação de vias paralelas do cérebro vem acompanhada de um forte sentimento de satisfação e bem-estar, ao qual eles não querem renunciar. Se queremos este estilo de vida, devemos pagar por ele, pois a tecnologia atual favorece, sobremaneira, as múltiplas tarefas simultâneas. A economia e a gestão do tempo pessoal são idéias dos anos 80. Passamos de um mundo no qual tínhamos tempo à disposição, para o do mundo em que o tempo tem que ser preenchido por muitas atividades, portanto, deve ser economizado e protegido.

Navegando por outros mares para discutir a questão, um outro autor, o francês Pierre Sansot (1998) não fala de um tipo A, mas descreve os infatigáveis, aqueles que a sua energia parece não esgotar-se. Ela é limitada, mas parece não ter limites. A embriaguez de superar-se, alegrias e dores misturadas, abre novas veias suplementares. Esses indivíduos funcionam mal quando reduzem o seu ardor, podendo apresentar sintomas inquietantes, inclusive depressão. Pensam que os demais querem superá-los («Esses homens têm a pretensão de quererem me ultrapassar?») e isto constitui o desafio. A cada padrão estabelecido, a necessidade de um outro mais elevado. Esses homens consideram esse desafio uma fatalidade à qual eles não podem recusar o confronto. Um outro aliado nesta corrida é provocada pela avalanche cultural, que provoca no indivíduo o sentimento de que ele deve tudo consumir e tudo saber para ter segurança intelectual. A sociedade que se diz capaz de abrigar a diversidade parece não ter lugar para uma cultura facultativa, na qual os indivíduos não sejam julgados e execrados por não saberem - e não quererem saber - dos últimos lançamentos de qualquer coisa: livros, filmes, peças de teatro, shows, sites, ou seja lá o que for. Que seja tratado com respeito o direito de não ler a última novidade sem ser considerado o indivíduo um bárbaro. Que seja respeitado o direito de se querer fugir dessa superexposição, superexcitação, dessa febre mental avançada. Estamos fazendo uma escolha de vida numa sociedade que nos apressa e freqüentemente nos submetemos de boa vontade a este assédio, sem nos interrogarmos. De tão ocupados em dominar o tempo, não temos tempo de acolher o mundo e nos arriscamos a nos perder no caminho.

E o que nos diz a nossa imprensa diária sobre tudo isso? Um numero infinito de artigos e reportagens nos alerta todos os dias para os perigos e efeitos colaterais dessa corrida contra o tempo. Assume várias faces: como a dor de não saber o bastante, o sentimento de inadequação, manias e fobias tecnológicas, bulimia informacional, cybercondríacos, *dataholics* e o tecnostresse. Os executivos são umas presas fáceis dessas armadilhas que acenam para a ausência de limites.

No Jornal *Folha de São Paulo* de 18/11/01, o jornalista Gilberto Dimenstein assina a reportagem sobre «Síndrome do Lazer», que trata dos resultados de uma pesquisa, conduzida por uma empresa de consultoria empresarial, feita com 211 executivos brasileiros, trazendo dados assustadores e auto-explicativos de como vivem esses executivos: sobrecarga de trabalho/má administração do tempo (85%); não acompanhamento do crescimento dos filhos (85%); insegurança ao tomar decisões (80%); excesso de fumo/bebida (75%); não conhecimento das prioridades do cônjuge (70%); não sentimento de vontade de compartilhar/sair com cônjuge e filhos (65%); insônia (60%); perda de apetite/gula (60%); atrito pessoal com grupo de trabalho (55%); afastamento dos amigos (50%); apatia (45%). Sobre os aspectos de que precisam ser melhorados para atingir uma melhor qualidade de vida, são os dados relacionados a: realização pessoal (43%); bebida (37%); relacionamento social (35%);

fumo (34%); problemas de saúde (32%); alimentação (32%); lazer (31%); sono (29%); relacionamento familiar (28%); stresse (28%); relacionamento conjugal (27%); preocupações exageradas com filhos, dívidas, desemprego (26%); sedentarismo (25%). Estes dados exemplificam os efeitos indesejados que não buscamos, mas que surgem como frutos de nossas decisões e escolhas. De uma realidade abstrata, o tempo transformou-se em realidade mais que concreta: o hiper-real!

Estamos diante o inevitável? Por que estamos nos sentindo insatisfeitos, cobrados, vigiados pelas máquinas que criamos para nos liberar tempo? Por que temos a sensação de que estamos sendo devorados por elas? Esta sensação de que estamos correndo para subir uma escada rolante que desce é fruto da nossa imaginação insidiosa? Toda essa construção do império do efêmero (Lipovetsky, 1987) nos conduz a algum lugar muito além do vazio (Lipovetsky, 1993)? Por que instauramos essa guerra contra o tempo e por que uma sociedade apressada já nos parece ser "natural"? De onde vem tudo isso? Será que a nossa fragilidade humana pode nos sugerir algumas saídas (Enriquez, 1993)? Temos tempo de olhar para a nossa natureza ou vamos continuar enveredando pelo mesmo caminho que faz do homem o herói antecipadamente morto (Freitas, 1999)? Estamos sendo vítimas da vingança dos deuses que já matamos para usurpar-lhes os tronos (Elíade, 1995; Callois, 1950; Moscovici, 1988)?

## A ponta de um icebergue chamado Sociedade Apressada

A sociedade moderna é uma construção incessante e tem duração indeterminada, ainda que não infinita. Ela vai instaurando um "crescendo" a partir de sucessivas ondas ou ciclos, cada vez mais abrangentes e em tempos cada vez menores entre o surgimento e substituição desses processos cíclicos. A sociedade apressada de hoje começou a correr há muito tempo. O que a diferencia de suas antepassadas é o fato de ter conseguido modificar, não apenas a distância entre ponto de partida e de chegada, mas o de criar seguidamente as condições de reduzir a marca do tempo em que bate os seus próprios recordes. Supomos que o grande feito mesmo é o de ter validado como padrão o inversamente mais que proporcional nessa corrida, ou seja, quanto mais a distância aumenta, menor é o tempo para percorrê-la!

Na nossa história mais recente, a Segunda Guerra Mundial é um marco indiscutível (Hobsbawn, 1996 e 2000). Enquanto na Primeira Guerra, as armas, em sua maioria, eram ainda extensão do braço humano, na Segunda a nova artilharia inaugurou a morte em massa. Entendida hoje menos que "a luta do Bem contra o Mal no planeta", ela é vista como a "mãe" que gerou a revolução tecnológica da qual deriva a nossa era da informação. É claro que esta "revolução" tem antecedentes já completamente incorporados e, portanto, esquecidos, uma vez que a pensamos como um salto autônomo em relação às demais. Como qualquer corte histórico é arbitrário, propomos a Segunda Guerra como o momento em que o nosso icebergue começa a aparecer com maior visibilidade com o coroamento do triunfo da Ciência. A Guerra Fria que lhe segue, coroa a economia de mercado e a ideologia neo-liberal como a melhor forma de desenvolvimento econômico. Conquanto não possamos dizer que o espectro de uma sociedade não-capitalista esteja de todo banido, podemos assumir o sistema capitalista como hegemônico atualmente e com pretensões à expansão, como é a sua natureza.

Política e Economia são mais que nunca inseparáveis. Verdade que houve uma modificação importante na conjugação desses termos com significados que vão além da semântica, o que antes era uma Economia Política agora é reduzido às Políticas Econômicas. Os estadistas das nações desenvolvidas, e também das sub-desenvolvidas, apresentam-se mais como gestores de índices econômicos que como políticos, no sentido que se costumava dar a este termo. O crescimento econômico é a maior de todas as suas prioridades, ainda que nem sempre venha acompanhada de desenvolvimento, sendo muitas das vezes considerados como sinônimos. Quantos países nós conhecemos que exibem elevadas taxas de crescimento de sua economia e nem por isso se orgulham dos seus índices de desenvolvimento?

Ora, a sociedade não é um dado natural. Ela se materializa e se consolida nas instituições e organizações que lhe dão suporte, inclusive as empresas privadas - em particular as grandes. Que trajetória elas seguiram nas últimas décadas? Que alianças foram feitas e o que delas resulta?

O aspecto econômico conseguirá ser o promotor da paz na terra, bem aí onde o político não foi capaz de garantir? As sociedades do econômico são pacíficas? O que as empresas têm a ver com isso? As empresas são, por natureza, o corpo e a alma do econômico e, acreditamos, as bases de nossa sociedade apressada.

## A acumulação de riquezas, antes e depois da Segunda Guerra

A partir de uma base de produção ou mercadológica, as empresas foram crescendo e tornaram-se estruturas gigantes quase incontroláveis até desenvolverem o modelo *holding*, que veio facilitar a avaliação do portfólio de negócios (Freitas, 1999). A última barreira estrutural caiu quando se tornou sem sentido a discussão sobre controle e propriedade do capital. As economias de diversos países receberam grandes aportes de capital para a reconstrução das "condições gerais de produção", de forma a facilitar o escoamento de bens em todas as direções. O mundo capitalista era um festival de fluxos de capitais fáceis e baratos. O mundo parecia bastante próspero e apenas o mundo socialista se destacava como ameaça. Ameaça que, tanto os EUA como a União Soviética, proponentes dos projetos diferenciados de sociedade, aproveitaram para promover uma corrida nas pesquisas aplicadas, que gerou progressos científicos enormes que vão além dos objetivos pretendidos naquele momento (Freitas, 1999).

O primeiro grande choque do petróleo dos anos 70, trouxe na sua rasteira uma série de novas mudanças e necessidades para as empresas e países. A busca por novos mercados, por produtos feitos com matérias-primas e mão-de-obra mais baratas, acentuou a movimentação das multinacionais em várias partes do mundo, iniciada nas décadas de 20 e 30. Ainda assim, essas empresas escolhiam determinados países, movidas pelos custos mais baixos e o potencial de seus mercadores consumidores; instalaram-se neles para produzir para eles. Junto com essas empresas exportava-se também uma matriz cultural de seus países de origem, que mudou completamente a face da concorrência, os métodos de gestão, as relações de trabalho e o próprio mercador consumidor. Paralelo a esse movimento na iniciativa privada, começou o declínio do então chamado *welfare state*, que a década de 80 fez aparecer o retrato de um Estado falido, desacreditado, sem poder revidar com políticas públicas de longo alcance a perda da garantia dos empregos e a malfadada gestão da seguridade social. Na Europa, em particular na Inglaterra de Tatcher, tem início a reforma do Estado com os processos de privatizações, redução de direitos sociais e trabalhistas, realizando um novo desenho de sociedade neo-liberal. O Terceiro Mundo vai tentar realizar o mesmo feito uma década após.

O movimento de globalização dos anos 90 vai se diferenciar do anterior pelo seu caráter, não apenas internacionalista, mas pela sua integração internacional interdependente. Integração esta que abrange todos os processos industriais, mercadológicos, administrativos e financeiros. Surgem novas estratégias como forma de criar ou aumentar a sinergia também global: fusões, aquisições, *joint-ventures* e parcerias entre empresas de diferentes países. Novas formas de gestão são desenvolvidas para dar conta desses novos gigantes, agora chamados de megacorporação ou conglomerado. Para fazer face a um mundo cada vez mais competitivo, essas empresas precisaram enxugar suas estruturas, reduzir custos, modernizar a sua tecnologia, utilizar um quadro de pessoal cada vez mais qualificado, elevar seguidamente sua produtividade e aproveitar todas as chances de penetração em novos mercados. O movimento das reengenharias, que ganhou vários nomes, foi essa feição modernizante que instaurou a reestruturação organizacional e a mudança contínua, na qual o tempo passou a ser visto como a variável-chave para decidir a vida das empresas e a sua expansão rápida como um imperativo de sobrevivência (Freitas, 1999).

Neste cenário, não apenas as empresas devem expandir-se rapidamente, como a saúde econômica dos países passa a ser avaliada por dois critérios nem sempre interligados: a) capacidade de gerar superavites em sua balança comercial; b) capacidade de atrair investimentos estrangeiros. Os países que tiveram uma industrialização tardia mantinham suas economias assentadas em exportações de produtos primários, cujos preços extremamente voláteis e dependentes de estratégias de subsídios, nem sempre gerou o volume de recursos necessários para a criação de infra-estrutura produtiva ou para a modernização de par-

ques industriais e nem as garantias necessárias para contratação de empréstimos a taxas mais acessíveis. O segundo critério resultou em taxas de juros exorbitantes, que, se por um lado atraiu bastante o capital especulativo para um cassino de dinamismo extraordinário, não favoreceu o desenvolvimento das economias locais e nem o tipo de investimento produtivo direto que se esperava. Toda a década de 90 foi de ajustes diversos nesses países para não ficarem totalmente excluídos nesta fase de realinhamento do capitalismo global.

Ora, esta globalização é um fenômeno complexo e ainda em evolução, mas ela é calcada na movimentação de capitais. Em boa medida, em particular no Terceiro Mundo, as privatizações têm aumentado a concentração, substituindo um monopólio estatal por um privado, o que pode gerar um comportamento anti-competitivo. O Estado passa a ser o encarregado apenas das ações reguladoras de funcionamento de mercados e políticas compensatórias para incentivar o influxo de capitais e formar um capital fixo para melhoria da infra-estrutura, tanto para a Velha como para a Nova Economia. Mas se este Estado é ainda fraco, lhe é difícil não ceder à chantagem de transferência dessas empresas para outros locais no planeta, onde podem se beneficiar de políticas fiscais mais generosas e menor exigências legais para a transferência de lucros. Por outro lado, a instabilidade social e a fragilidade das instituições políticas elevam a volatibilidade dos capitais, sujeitos a impactos muito mais fortes dos choques provocados por terramotos financeiros contagiantes, como os que presenciamos nas crises mexicana, russa, asiática, brasileira e, atualmente, argentina. Desde 1995, o mundo das finanças internacionais tem sido sacudido por ondas de insegurança, que a ausência de uma arquitetura financeira mundial complica mais ainda (Hobsbawn, 2000).

As sociedades não caminham sempre no mesmo passo, mesmo se caminham para a mesma direção. Uma série de outros fatores sociais, políticos, culturais e religiosos favorece ou dificulta determinados processos econômicos. Países que já haviam adaptado seus mecanismos de liberalização do comércio e da conta de capital, têm já usufruído dos benefícios dessa globalização, que ainda não atinge todo o globo. As empresas globais não ganham na mesma proporção em todos os lugares onde se instalam e nem se instalam em todos os lugares. A própria economia chamada de global tem múltiplas faces e desempenhos diferentes em ritmos também diferentes, às vezes acelerada em alguns redutos e desacelerada em outros. O balanço geral das economias do primeiro mundo, nos últimos três anos, tem apontado para taxas decrescentes do PIB e da capacidade de gerar superavites. Enquanto isso, outras economias emergem rapidamente e se colocam no cenário de maneira inusitada e inquietante. No entanto, é possível hoje, para algumas grandes empresas, aproveitar as vantagens de cada situação: maior segurança e menor ganho em alguns países, e menor segurança e maior ganho em outros. Este é possivelmente um dos traços mais firmes da globalização e foram essas empresas que o tornaram possível a partir da Internet, o grande fator capaz de realmente proporcionar a amarração de várias pontas visíveis no momento, que Castells (2001) chama de "sociedade em rede e era dos fluxos".

A Internet não é simplesmente uma aliada do processo de globalização, ela é fruto de uma necessidade indissociável deste processo e condição *sine qua non* de sua efetivação. Com ela o mundo pode ser global, o tempo pode ser "real", o espaço físico é atravessado, o corpo deixa de ser uma prisão para o indivíduo. Enfim, podemos realizar muitas coisas ao mesmo tempo, falar e trabalhar com muitas pessoas de lugares diferentes ao mesmo tempo, e nem precisamos esperar o dia amanhecer, nem tão pouco conferir o relógio, para adequar a nossa necessidade aos fusos horários. Vivemos agora no "tempo real", temos o novo mundo nas nossas mãos e nele podemos trabalhar, estudar, pesquisar, conversar, viajar, nos divertir, namorar, comprar, vender, trocar tudo o que quisermos, com quem quisermos, na hora que quisermos. Abaixo todas as restrições, todos os limites, todas as barreiras, todas as censuras, todas as imposições, todos os segredos, todas as impossibilidades que o espaço e o tempo continham! Que poder extraordinário temos agora!

A Internet se popularizou depois de 1995, o que fez explodir o processamento do número de ordens de investimentos nas bolsas de valores mundiais. A movimentação de capitais através da Internet, dois pilares centrais da globalização, foi facilitada de diversas formas: fusos horários não

precisaram mais ser considerados para redirecionar investimentos; investigações empresariais rápidas; a busca de novos parceiros locais foi facilitada no curto-prazo; a participação virtual em processos de privatização, como leilões, foi aceite; novas oportunidades foram possíveis de serem mapeadas mais cedo; novas estratégias de negócios e contratos foram fechados enquanto parte do mundo dormia. Empresas de consultoria, advogados, corretores e detetives virtuais foram criados.

Creditamos ao medo, e não às oportunidades magníficas nas bolsas de valores do planeta, o grande intensificador da Internet e das redes de pesquisadores e empresas que não dormem. Em algum momento, na metade dos anos 90, alguns seres mortais se deram conta de um erro, que poderia fazer o universo retroceder mil anos. A idéia de milênio era tão distante e remota, que todos os sistemas não estavam programados para a sua chegada. Foi o pavor de aviões caindo, de contas bancárias desaparecidas, de sistemas de segurança destravados, de registos serem apagados, de pane em hospitais e desligamento do mundo já eletrônico, que fez a Internet juntar milhares de pesquisadores no mundo, em velocidade mais que acelerada, para matar o monstro da catástrofe que poderia ter estragado tudo até aqui. Como negligenciamos este fato tão assustador, tão recente e tão mortal? Isto certamente significa alguma coisa! Será que nessa hora o nosso terror foi tão grande que decidimos apagar a memória? Será que o nosso medo foi tão terrível que decidimos nunca mais olhar para ele ou aprender com ele alguma coisa, depois que as máquinas funcionaram? Tivemos medo da morte com as suas várias caras e esse medo nos manteve humildes e humanos, pelo menos até termos a certeza que o tal *bug* nunca passou de um sonho ruim.

Mas como o homem coletivo também aprende até com o que nega inconscientemente, ele viu aí uma oportunidade ímpar e, assim, surgiram as empresas que usam os fusos horários como vantagem e não como limitação. Alguns países, como por exemplo a Índia, são chamados *back office*, vendem o fuso horário, têm uma mão-de-obra de altíssima qualidade para tratamento de dados, cobram um preço em torno de 30 a 40% menor que o europeu ou americano. É cada vez mais crescente o número de empresas que se utilizam desse sistema e que estão sendo conhecidas como "as empresas que seguem o Sol" (Enjeux, 2001).

A sociedade apressada, tal como a vivemos hoje, nasceu, na nossa opinião, no final do Século XX e é fruto das empresas globalizadas e do uso intensivo da Internet. Aprendemos com todas as incorporações tecnológicas feitas anteriormente que, quando a novidade é usada por todos, a vantagem diferencial desaparece e é necessário criar um patamar mais elevado. Os ritmos acelerados ainda não são seguidos por todos, mas é para onde a tendência aponta. O tempo como inimigo é uma construção simbólica dessa era, que parece será perpetuamente rápida. Estamos inaugurando a noção de Não-Tempo? Conseguiremos viver como seres atemporais?

## É impossível concluir, mas querer matar o tempo é um reconhecimento dos medos?

Possivelmente primeiro o Homem tomou consciência de si e depois do tempo, e depois do tempo incorporado à sua vida. Quando o Homem se deu conta da morte como o limite do seu tempo, ele passou a ter medo da única certeza que ele não podia banir de sua consciência. Inventou ferramentas, calendários e relógios para medir esse tempo que não estava submetido ao seu controle. Mas se o Homem não pode destruir a morte, ele buscou adiá-la, contorná-la, driblá-la na sua face mais visível: evitar o envelhecimento, com o máximo de utilização do seu tempo e com o progresso que ele poderia atingir. Nesse sentido, as incorporações tecnológicas feitas ao longo da História têm sido aliadas nessa tentativa de rejuvenescimento. A acumulação de informações e a sua progressiva substituição gera o conforto imediato de participar de um presente constante, ainda que também provoque muita dor quando se pára para refletir.

O mundo organizacional utiliza a mesma lógica e vive uma morte circular de práticas e modismos terapêuticos para evitar o seu desaparecimento. As reengenharias foram um grande movimento cirúrgico para rejuvenescer as organizações e, de lá para cá, este movimento deixou de ser pontual e passou a ser constante. As grandes empresas, em particular as globalizadas, induzem a todos os profissionais a fazerem suas próprias reengenharias na carreira, que

tornou-se mais curta e acelerada. Exigem conhecimentos cada vez mais atualizados num mundo de atualização constante. Definem metas cada vez mais elevadas e em prazos menores. Elegem a ação rápida como o valor supremo e sem direito a erros. Seduzem com promessas fantásticas os seus heróis velozes. Ameaça com morte simbólica e real de ostracismo e desemprego. Se auto-declaram o novo totem das sociedades modernas e as decisoras do processo de exclusão.

O tempo é um inimigo aparentemente conveniente para as empresas porque essa luta encontra suporte na inquietação humana provocada pela morte, pela incerteza do futuro, pela impossibilidade de dominar as complexidades do mundo, pela consciência dos limites físicos e psíquicos do ser, pelo medo do abandono. Inaugurar um mundo novo todos dias, num presente sem fim, paradoxalmente faz o Homem esquecer o seu tempo de vida mergulhando na ação, que o torna potente e merecedor das glórias efêmeras do dia-a-dia, alimentando o seu narcisismo imediato. Ele perde de vista a noção de longo prazo, não vê mais o palco maior onde ele atua e nem as outras esferas importantes da sua vida. O tempo privado, pessoal e familiar é o primeiro a ser sacrificado e estabelece-se um padrão cada vez mais elevado, sempre justificado antecipadamente pelo medo do que pode ocorrer no universo profissional. Quando a identidade profissional é a principal fornecedora de identidade pessoal, a instrumentalização da vida é a conseqüência evidente e automática.

Não se trata de uma mera manipulação ideológica das empresas, o mecanismo é mais profundo, pois somos co-autores na disseminação dessa guerra contra o tempo, nos submetemos até de boa vontade para conquistarmos os prêmios, assinamos a sorte cada vez que transformamos o acessório em essencial e quando nos orgulhamos de sermos pessoas ocupadas e sem tempo. Toda essa lógica é reforçada no mundo social do qual fazemos parte e que eleva o Homem à categoria de Deus: criador de si mesmo, livre do corpo-prisão e senhor do tempo vivo e morto. E, apesar de tudo isso, ele continua sem poder matar a morte! Será que a morte está presente apenas para validar a vida e nos lembrar que somos "humanos, demasiadamente humanos"? Quais são os custos de assumir que tempo não é inimigo, que tempo não é dinheiro, mas que tempo é vida? ■

## Bibliografia


CALLOIS, R. (1950), **L'homme et le sacré**, Gallimard, Paris.

CASTELS, M. (2001), **A Sociedade em Rede**, 5ª ed., Paz e Terra, São Paulo.

CASTORIADIS, C. (1975), **L'Instituition Imaginaire de la Societé**, 5ª ed, Seuil, Paris.

CASTORIADIS, C. (1999), **Dialogue**, ed. L'aube, Paris.

DIEL, P. (1991), **O Simbolismo na Mitologia Grega**, Attr, São Paulo.

DONATO, H. (1993), **História do Calendário**, Melhoramentos, São Paulo.

DUNCAN, D. E. (1999), **Calendário**, Ediouro, Rio de Janeiro.

ELIADE, M. (1995), **O Sagrado e o Profano**, Martins Fontes, São Paulo.

_____ (2001), **Enjeux - Les Echos: La course contre les temps**, Juil-Aout.

ENRIQUEZ, E. (1984), **L'individu, création et histoire**, Connexions, Eres, Paris, pp. 141-159, (44).

ENRIQUEZ, E. (1993), **Les enjeux ethiques dans les organisations modernes**, Sociologies et Sociétés, Paris, 25 (1), pp. 25-38.

FREITAS, M. E. (1999), **Cultura Organizacional - Identidade, Sedução e Carisma**, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro.

GLEICK, J. (2001), **Toujours Plus Vite**, Hachette, Paris.

HOBSBAWN, E. (1996), **A Era dos Extremos**, 2ª ed., Cia. Letras, São Paulo.

HOBSBAWN, E. (2000), **O Século Novo**, Cia. Letras, São Paulo.

LE GOFF, J. (2001), **A História Nova**, 4ª ed., Martins Fontes, São Paulo.

LE GOFF, J-P. (1999), **La Bárbarie Douce**, Découverte, Paris.

LIPOVETSKY, G. (1987), **L'empire de l'Ephémere**, Gallimard, Paris.

LIPOVETSKY, G. (1993), **L'Erè du Vide**, Gallimard, Paris.

MOSCOVICI, S. (1988), **La Machine à Faire des Dieux**, Fayard, Paris.

SANSOT, P. (1998), **Du Bon Usage de la Lenteur**, Payot & Rivages, Paris.


BIBLIOTECA MARIO HENRIQUE SIMONSEN
- FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS -